

CAMINHANDO COM MICHEL DE CERTEAU: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO¹

Fernanda Bindaco da Silva Astori²
Maria Nilceia de Andrade Vieira³

Resumo: Este artigo se propõe a dialogar com algumas ideias de Michel de Certeau presentes na obra “A invenção do cotidiano” (2011) no sentido de analisar suas implicações e contribuições para as discussões no campo da pesquisa educacional. Focalizando esse debate e situando-nos no lugar de docentes da educação pública, indagamos sobre nossas escolhas epistemológicas acerca dos caminhos que pretendemos percorrer em nossas pesquisas rumo a um posicionamento de resistência à hierarquização do saber científico e à falta de consideração aos saberes das culturas populares. Caracterizado como um estudo de cunho bibliográfico, buscamos interlocução com autores que abordam, em diferentes perspectivas, concepções defendidas por Certeau, como Dosse (2004), Josgrilberg (2008), Vidal (2011) e Carvalho (2009), enfocando, especialmente, os conceitos de linguagem, memória e narrativas. Tais conceitos, em estreita ligação com outras concepções de Certeau, evidenciam que a base epistemológica é primordial para a realização de pesquisas educacionais, visto que a definição dos problemas de investigação, dos sujeitos participantes e das opções metodológicas explicitam as perspectivas de abordagem do pesquisador. Conclui-se, então, sobre a relevância do posicionamento do pesquisador, que não pode prescindir de conhecimento filosófico e científico, os quais, por sua vez, requerem compreensão do contexto sócio-histórico, sobretudo nas dimensões política e cultural, exigindo que o pesquisador mantenha-se atento aos seus princípios ontológicos.

Palavras-chave: Epistemologia. Pesquisa em Educação. Michel de Certeau.

WALKING WITH MICHEL DE CERTEAU: EPISTEMOLOGICAL CONTRIBUTIONS TO RESEARCH IN EDUCATION

Abstract: This article proposes to dialogue with some ideas of Michel de Certeau present in the work "The invention of the everyday" (2011) in order to analyze its implications and contributions to the discussions in the field of educational research. Focusing on this debate and placing ourselves in the place of teachers of public education, we inquire about our epistemological choices about the paths that we intend to pursue in our research toward a position of resistance to the hierarchy of scientific knowledge and the lack of consideration for the knowledge of popular cultures. In this paper, we present a study of a bibliographical

¹ Texto produzido a partir dos estudos realizados no curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na disciplina de Abordagens Epistemológicas da Educação, da linha de Pesquisa de Docência, Currículo e Processos Culturais, ministrada no 1º semestre de 2017 pela Profª. Drª. Janete Magalhães Carvalho.

² Doutoranda em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Pedagoga da educação básica municipal de Colatina, Espírito Santo. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais. E-mail: <fernanda_bsastori@hotmail.com>.

³ Doutoranda em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Pedagoga da Educação Infantil de Vitória, Espírito Santo. Professora no curso de Pedagogia da Faculdade Estácio de Vila Velha. Integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Atuação de Educadores. E-mail: <nilceia_vilavelha@hotmail.com>.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 10-26-, jan./jun. 2019.

study, with a focus on authors who approach, in different perspectives, concepts defended by Certeau, such as Dosse (2004), Josgrilberg (2008), Vidal (2011) and Carvalho (2009), focusing especially on the concepts of language, memory and narratives. These concepts, in close connection with other concepts from the city of Certeau, show that the epistemological basis is paramount for conducting educational research, since the definition of the research problems, the subjects involved and the methodological options explain the perspective of the researcher's approach. It is concluded, therefore, on the relevance of the position of the researcher, who can not dispense with philosophical and scientific knowledge, which in turn requires understanding of the socio-historical context, especially in the political and cultural dimensions, requiring the researcher to maintain Attentive to its ontological principles.

Keywords: Epistemology. Research in Education. Michel de Certeau.

1 INTRODUÇÃO

As atuais pesquisas em educação têm denunciado os obstáculos que enfrentam no combate às estratégias de controle disseminadas pela ciência cartesiana que temos hoje, cujos princípios estáticos e lineares são balizadores de uma hegemonia epistemológica que visa capturar a complexidade da pesquisa em educação e eliminar outras formas de saberes produzidos.

Nesse contexto, realçamos a relevância do contramovimento realizado por alguns pesquisadores que têm buscado, por outros diálogos, construir caminhos alternativos, subverter a lógica racionalista e produzir outras maneiras de fazer pesquisa em educação, provocando uma ruptura epistemológica numa seara de discussões em que o pensamento de Michel de Certeau tem potencializado outros caminhos investigativos com a educação, ainda que o tema apareça marginalmente em relação a outros campos de interesse do autor. Destacamos, nesse sentido, investigações realizadas por pesquisadores, cujas interlocuções com Certeau nos possibilitam pensar a pesquisa como processo histórico, dinâmico, polifônico e de caça permanente, tais como Dosse (2004), Josgrilberg (2008), Vidal (2011) e Carvalho (2009). Cabe assinalar que recorreremos a esses e a outros autores considerando, sobretudo, o muito já dito sobre Certeau e sobre as pesquisas que se pautam nas bases epistemológicas por ele defendidas, que nos ajudam a pensar as pesquisas em educação. Além disso, ressaltamos a atualidade, a pertinência e a ousadia de suas múltiplas abordagens, que nos possibilitam importantes reflexões em relação às pesquisas que pretendemos desenvolver com os diferentes sujeitos praticantes que integram as escolas.

Direcionando o foco à dimensão histórica, Vidal (2011) nos lembra que a edição do livro “História: novos problemas”, organizado por Jacques Le Goff e Pierre Nora, traduzido para o português em 1976, trouxe, no capítulo inicial, o texto de Certeau “A operação histórica”. No Brasil, num momento em que ocorria a virada historiográfica, em 1968, esse livro levou aos historiadores questões relacionadas aos novos atores e objetos de pesquisa, assim como a necessária revisão das práticas da escrita e das formas de compreender a história. Desse modo, no contexto brasileiro, Certeau estava associado à discussão epistemológica da história.

Nessa perspectiva, Vidal aponta ainda que as obras de Certeau, tais como “A escrita da história” e “A invenção do cotidiano”, despertaram o interesse da comunidade de historiadores da educação apenas na década de 1990, especialmente nos debates realizados no grupo de trabalho História da Educação, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Ademais, as leituras a partir de Certeau, em problematizações nas reuniões anuais⁴, concentraram esforços em torno de discussões pela localização e conservação de fontes, bem como acerca das abordagens metodológicas e da crítica documental. Igualmente, as discussões se desenvolvem em torno da necessidade de rever a posição do historiador da educação na sua relação com os campos pedagógico e histórico, a fim de se indagar sobre o fazer historiográfico, problematizando a recorrência de temas e abordagens.

Dessa forma, “Certeau emergia como especialista em práticas culturais contemporâneas, mídia e novas tecnologias, não restringindo, portanto, seu pertencimento ao campo historiográfico” (VIDAL, 2011, p. 275). Certeau considerava a história como uma operação constituída na relação entre um lugar, os procedimentos de análise e a construção de um texto e, portanto, a atividade do historiador consistiria em “[...] artificializar a natureza, em tornar materiais históricos as práticas sociais” (VIDAL, 2011, p. 279). Contudo, o historiador jamais poderia pretender elaborar uma história global e deveria combinar narração e discurso lógico em suas análises interpretativas.

Destacando a originalidade dos estudos de Certeau, Vidal (2011) ressalta que o autor, problematizando o conceito de táticas, ofereceu uma alternativa de análise ao marxismo e ao

⁴ Em 2013, ocorreu a 36ª Reunião Nacional na Universidade Federal de Goiás, que também foi a última reunião em anos consecutivos, pois, conforme decidido em assembleia extraordinária, a reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação passou a ser bianual, em anos intercalados com as Reuniões Científicas Regionais. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/36a-reuniao-nacional-da-anped-em-goiania-go-0>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

estruturalismo, sem inscrever-se como ruptura a esses aportes, possibilitando uma lógica de ação cotidiana pelas brechas, em que “[...] uma sucessão de atos de resistência e de transformação nem sempre conscientes reinventa os usos dos bens culturais” (VIDAL, 2011, p. 282) e, nessa perspectiva, seu olhar sobre as práticas prevalecia em relação ao seu olhar sobre as instituições. Com essa premissa, Certeau defende que as práticas podem deslocar os limites da dominação imposta pelo discurso do poder por meios das táticas. Ou seja, mesmo reconhecendo a existência do jogo da estratégia, Certeau acredita que o sujeito intervém no discurso institucional, interferindo nos mecanismos de controle.

Na organização das ideias que abordamos neste artigo, sistematizamos as análises em três movimentos que, embora estejam dispostos em seções sequenciais, articulam-se por meio dos conceitos e problemáticas que compõem o texto. Sendo assim, inicialmente, após esta introdução, abordamos os movimentos de pensar com Certeau a partir da arquitetura de suas pesquisas que valorizavam as práticas culturais microbianas e enfatizavam as relações com o outro, destacando as narrativas do sujeito ordinário. Em seguida, focalizamos conceitos de Certeau relacionados à linguagem, memória, enunciações e narrativas, estabelecendo alinhamentos e diferenças entre eles. Na sequência, compartilhamos reflexões acerca do saber das práticas cotidianas que têm no sujeito anônimo o produtor de histórias e sua interlocução com a pesquisa em educação. Finalizando, destacamos algumas notas acerca dos desafios teórico-metodológicos em pesquisa educacional, enfatizando os apontamentos da perspectiva epistemológica de Certeau para o desenvolvimento de pesquisas em educação. Reconhecemos que, na extensão limitada deste artigo, precisamos optar por alguns conceitos e problematizações a serem discutidos, levando-nos, conseqüentemente, a deixar de lado outras questões também relevantes do pensamento do autor.

2 O MOVIMENTO DE PENSAR COM CERTEAU

Ao discorrer sobre essa questão, Josgrilberg (2008) destaca que o pensamento de Certeau é, fundamentalmente, movimento, o que exige do leitor um exercício intelectual comprometido em evitar sentidos literais. A ousadia de seus aforismos revela um posicionamento questionador que coloca à prova, que caminha em diferentes direções de análise, pois “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes,

em cima de um terreno habitado há muito tempo” (CERTEAU, 2011, p. 35), marcado por interstícios temporais que, por vezes, revelam apenas fragmentos indiciários das muitas histórias possíveis.

Sempre coerente em sua obra, Certeau tem como principal pulsão o deslocamento em direção ao encontro com o outro, num mundo onde diversas vozes se entrecruzam e são marcadas pelas operações dos usuários⁵. Viajante, como gostava de se definir, escutava as pessoas com extrema atenção e produzia pesquisas narrando práticas comuns, o que o levou a delimitar uma maneira de caminhar, pois considerava que “para ler e escrever a cultura ordinária é imperativo reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto” (CERTEAU, 2011, p. 35).

Cabe realçar que as pesquisas realizadas por Certeau foram arquitetadas no interesse de analisar as práticas culturais microbianas do cotidiano, tendo em vista que as investigações em ciências sociais e humanas não poderiam ser reduzidas a um sentido restrito, pois elas são entrecruzadas por silêncios que escapam ao controle do pesquisador e de seu texto, assim como há omissões, em função do lugar ocupado por quem enuncia.

Nessa direção, Josgrilberg (2008, p. 97) esclarece que “a dinâmica fundar e escapar, guiar e frustrar, é presente ao longo da obra de Certeau [...]” e cessar esse movimento seria o mesmo que reduzir ou tornar estática a dinâmica dos processos sociais e da vida. Portanto, estar aberto a esses movimentos multiformes que perpassam o fluxo de vida é importante para o pesquisador, pois eles revelam a ontologia de um modo de vida que se faz no cotidiano, ao mesmo tempo singular e plural.

Compreendendo, então, os múltiplos movimentos da dinâmica social e a simultaneidade dos modos de vida cotidiana, advogamos que pensar com Certeau potencializa uma inflexão na formação do pesquisador, pois a atenção deslocada para um não-lugar inverte a perspectiva para olhar a criação anônima dos sujeitos praticantes⁶ do cotidiano, ativos e produtores de história. Esse movimento nos oferece condições de pensar a pesquisa em educação como uma produção polifônica, carregada de sentidos e constituída com o exercício

⁵ No cotidiano brotam usos, que são maneiras de “fazer com”, ou operações próprias dos usuários dentro de um contexto de consumo, manipuladas pelos praticantes, como uma arte de utilizar as representações impostas com fins diferentes aos estabelecidos inicialmente, como forma de combate ou jogos entre o forte e o fraco, ou seja, “ações” que o fraco pode empreender.

⁶ Segundo Certeau, os sujeitos praticantes do cotidiano são os “consumidores”; dominados, porém, nunca passivos. Esse homem ordinário, o qual chamou de caminhante, são as pessoas de saber comum, sujeitos enredados no cotidiano, praticantes cegos aos conhecimentos produzidos nos espaços que habitam. São vidas ignoradas, compondo redes que se entrecruzam, constituindo uma história múltipla, sem autor, nem espectador.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 10-26-, jan./jun. 2019.

de um não poder instituinte, que coexiste com as práticas instituídas e que busca, nas fendas deixadas por elas, produzir experiências que burlam e reinventam formas subterrâneas de existir e de legitimar outros saberes.

A partir de trabalhos sobre a cultura popular⁷ marginalizada, Certeau interroga as práticas cotidianas, buscando compreender a lógica empregada nas maneiras de fazer, que coloca em jogo “[...] uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 2011, p. 41), cujas táticas do fraco são colocadas em jogo para tirar proveito das estratégias de controle do mais forte e politizar as práticas cotidianas.

Considerando essa disputa, Certeau explica os jogos de poder entre o forte e o fraco pelo uso de estratégias e táticas, afirmando que as estratégias são possíveis a partir de um lugar próprio de onde se geram relações de poder com uma exterioridade. Esse lugar próprio implica no domínio sobre objetos que podem ser controlados, como ocorre na racionalidade política, econômica ou científica. Ou seja, as estratégias estão baseadas e definidas pelo poder.

No sentido contrário, a tática está definida pela ausência de poder. Assim, a tática não tem o lugar próprio nem localiza o adversário num espaço distinto e objetivável, só tendo por lugar o outro. Opera golpe a golpe aproveitando as ocasiões e as possibilidades de ganho, visto que a tática depende do tempo, é criatividade, é astúcia, é a arte do fraco. Importante demarcar que o que distingue as táticas das estratégias “[...] são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar” (CERTEAU, 2011, p. 87).

Certeau considera que “[...] os objetos produzidos por uma pesquisa resultam de seu aporte, mais ou menos original, no campo onde ela se tornou possível” (CERTEAU, 2011, p. 103) e remetem a uma rede de intercâmbios entre pesquisadores, produzida a partir de uma relação dialética com o que já foi dito sobre o objeto de pesquisa. Certeau assinala ainda que as práticas cotidianas dependem dos procedimentos, que são esquemas de operações e manipulações técnicas, sendo necessário defini-los e precisar o seu funcionamento em relação ao discurso. Essas práticas seriam, para Certeau, maneiras de balizar a técnica e situar o objeto em uma geografia atual da pesquisa, em que os objetos de investigação “[...] não

⁷ Certeau revisou o conceito de cultura popular mais tarde por entendê-lo ingênuo, espontaneísta e infantil, que colocava o povo na condição de passividade, guardando as marcas da dominação de classe e veiculando preconceitos etnocêntricos.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 10-26-, jan./jun. 2019.

podem ser destacados do *comércio* intelectual e social que organiza as suas distinções e seus deslocamentos” (CERTEAU, 2011, p. 103, grifos do autor).

Nessa perspectiva, o autor compreende a produção de um objeto de pesquisa como uma ação coletiva, atravessada por enunciações que carregam marcas de sua produção histórica. Por conseguinte, o autor convoca o pesquisador a refletir sobre os outros presentes na sua investigação, afirmando que:

ao ‘esquecer’ o trabalho coletivo no qual se inscreve, ao isolar de sua gênese histórica o objeto de seu discurso, um ‘autor’ pratica, portanto, a denegação de sua situação real. Ele cria a ficção de um lugar próprio. Malgrado as ideologias contrárias de que pode ser acompanhado, o ato de isolar a relação sujeito-objeto ou a relação discurso-objeto é abstração que gera uma simulação de ‘autor’. Este ato apaga os traços da pertença de uma pesquisa a uma rede – traços que sempre comprometem, com efeito, os direitos autorais (CERTEAU, 2011, p. 104).

Esse fragmento anuncia a concepção ética de pesquisa presente nos trabalhos de Certeau, bem como reconhece a marca de cientificidade das investigações que explicitam as regras e as condições da produção dos dados, demarcando-as como elementares na definição da abordagem metodológica de pesquisa. Portanto, em todo ensaio, é fundamental que se apontem as relações das quais o objeto nasce para que, em seguida, os efeitos de alteração sejam interpostos por aquilo que o pesquisador encontra, criando mais uma faceta a partir dos sentidos produzidos, pois “[...] cada estudo particular é um espelho de cem faces [...], mas um espelho partido e anamórfico [...]” (CERTEAU, 2011, p. 104).

Decerto que o intelectual Certeau, como professor-pesquisador atento aos movimentos cotidianos e atravessado de uma ética que marcou a sua vida, produz uma teoria epistemológica que tem como pano de fundo as práticas sociais, investidas de criatividade e de inteligências imemoriais e de astúcias milenares, traduzidas em processos nos quais a linguagem tem centralidade, como pontuaremos a seguir.

3 UMA ARTE DE DIZER: LINGUAGEM E MEMÓRIA, ENUNCIÇÕES E NARRATIVAS

Tomando como ponto de partida uma perspectiva histórica, Albuquerque (2011) assinala que, com a revolução estudantil, em maio de 1968, na França, novos sujeitos e novas instituições vêm tomar a palavra como posicionamento político. Nesse contexto, como caminhante, Certeau transitou por muitos lugares, o que o permitiu conhecer muitas histórias.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 10-26-, jan./jun. 2019.

Ele participou ativamente da escola psicanalítica de Paris, fundada por Lacan, tendo frequentado os seminários orais de Lacan durante dezesseis anos. Toda a obra de Lacan, registrada em discursos orais nos seminários, influenciou Certeau a valorizar a voz e a contrapor voz e escrita. Certamente, em decorrência dessa itinerância, ocupou diferentes lugares de enunciação e lugares institucionais, dentre os quais destacamos a ordem jesuítica e a universidade. Talvez por isso sua pergunta questione o lugar institucional de onde o discurso é emitido. A centralidade do discurso e da linguagem na construção do mundo e da própria realidade é um elemento fundamental na obra de Certeau, assim como as formas de manipulação da palavra, para o uso da palavra.

Focalizando a relevância do contexto social, Albuquerque (2011) enfatiza que, apesar de Certeau atribuir enorme importância ao discurso e ao texto, ele não faz apenas uma análise formalista do discurso, mas articula-o às condições institucionais, políticas e acadêmicas de sua produção. Essa centralidade do lugar institucional ocupado pelo sujeito é construída na linguagem, onde o sujeito se constitui socialmente, com uma subjetividade em fluxo, atravessada e transpassada por fluxos sociais.

Ampliando o escopo da argumentação, interessa-nos pontuar que os estudos de Certeau direcionam-se para a linguagem oral como um fundamento das relações sociais capaz de recriar os diferentes espaços discursivos. O autor concebe a linguagem como uma construção arquitetônica que possibilita aos sujeitos movimentarem-se e interagirem com outros sujeitos. Desse modo, Certeau destaca a prática da oralidade como ação produtiva que carrega em si uma pluralidade de referências e códigos, superando a ideia de linguagem como simples ato de consumo passivo e de mera repetição do discurso de outros.

Inquestionavelmente, Certeau confere valor à voz e a sua relação com a escrita, numa sociedade que chamou de escriturística. Tentou evidenciar como os sentidos produzidos social e historicamente por variados grupos de poder estão sujeitos a intervenções. Para Certeau, as táticas movem-se pela leitura. Assim, enquanto transforma a linguagem, a leitura é atravessada por uma relação de forças entre o uso que dela se faz e a gramática que tenta controlá-la. Portanto, a leitura tem possibilidades subversivas e criativas na sociedade escriturística, enquanto a escrita é um mito da sociedade moderna, que cria hierarquias reguladoras de poder, cuja ambição é a de refazer a história.

Nesses termos, torna-se premente mencionar que o pesquisador se encontra inserido nesse aspecto regulador da escrita, afinal, dele é exigida uma produção textual, uma

delimitação de seus registros, prazos e procedimentos. Diante desse contexto, instaura-se mais um desafio para nós, pesquisadores em educação, qual seja, de escape da total submissão a essas regras sem, contudo, nos excluirmos do jogo que está posto na sociedade escriturística. Desafio de nos mantermos atuantes em investigações que considerem as histórias dos sujeitos praticantes do cotidiano e potencializem suas enunciações.

Adentrando nesse conceito, Certeau considera que o ato de enunciar atualiza as possibilidades do sistema linguístico e é, ao mesmo tempo, um uso da língua e uma operação sobre ela. Segundo Dosse (2004, p. 86), para Certeau, a cidade estaria estruturada como uma linguagem⁸, pois o autor “[...] valorizava o ato da fala e o prolonga pelo ato de caminhar”, ou seja, um lugar de expressão e de silêncios, sendo o ato de caminhar para a cidade como a fala para a língua, em que a linguagem seria um conjunto de práticas. No escopo dessa assertiva, faz-se necessário a observância de Dosse (2004, p. 88), ao destacar que Wittgenstein é uma forte referência para Certeau, que considera serem “[...] os gestos, as práticas, as artes de fazer e as narrativas do cotidiano que constituem os verdadeiros arquivos urbanos”. Nesse sentido, “a cidade é o campo fechado de uma verdadeira guerra de narrativas, das quais cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui a densidade histórica de cada cidade” (DOSSE, 2004, p. 88).

Com ênfase à enunciação do pedestre, dos pés descalços, das pessoas comuns como narradores de suas experiências, Certeau conclui que “[...] caminhar é ter falta de lugar” (CERTEAU, 2011, p. 170); é um não se satisfazer com as respostas que se tem, pois caminhando é possível ir ao encontro do outro e ao entendimento de ser outro, o que possibilita conhecer silêncios e desfiar histórias sem palavras, porquanto nas narrativas se apresentam relíquias verbais, ligadas a histórias perdidas, que se articulam e revelam práticas subterrâneas, efeitos de dissimulação e fuga.

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés executam (CERTEAU, 2011, p. 183).

A partir dessa valorização das narrativas, Certeau as diferencia do discurso, assinalando que esse se situa do lado de fora, como uma observação apreciadora à distância, que permite apenas o “[...] dizer sobre aquilo que o outro diz de sua arte” (CERTEAU, 2011,

⁸ Certeau permaneceu fora do paradigma estruturalista dominante graças a sua valorização do ato de enunciação. **Pró-Discante**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 10-26-, jan./jun. 2019.

p. 140), afirmando que arte é o que se pratica, e que fora do exercício da arte não se manifesta enunciação, de modo que a linguagem é prática, é uma arte de dizer, em que se exerce uma arte de fazer.

Nessa perspectiva, a narratividade também se diferencia da descrição, pois a descrição seria uma operação técnica que tenta se aproximar o máximo possível da realidade, a fim de proporcionar credibilidade ao texto pelo ajustamento ao real. Ao contrário, a história narrada, segundo Certeau, cria um espaço de ficção, pois se afasta do real e aparenta subtrair-se da conjuntura e, sendo assim, é capaz de ir além da descrição e de produzir a própria ação, em que

a narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. [...] Não seria necessário reconhecer-lhe a legitimidade científica supondo que a narratividade tem ali uma função necessária, e supondo que uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? (CERTEAU, 2011, p. 141).

Diante dessa indagação, faz-se necessário demarcar nossa possibilidade, como pesquisadores, de legitimar, em nossos estudos, o reconhecimento das práticas e das narrativas como produções científicas e que, portanto, precisam compor nossas opções metodológicas e nossas enunciações analíticas.

Da mesma forma, para o autor, o conteúdo do relato pertence à arte de fazer um golpe. É narração, não descrição. É uma arte do dizer. Tal como considera Detienne, a narração, para Certeau, recusa os cortes que tentam aprisioná-la em objetos do saber. Por trás de todas as histórias, há segredos cujo progressivo desvelamento lhe daria o seu próprio lugar, o da interpretação. Sendo assim, as narrativas “[...] formam uma rede de operações da qual os personagens esboçam as formalidades e os bons lances” (CERTEAU, 2011, p. 143), produzindo saberes originais e singulares. Articulando tais concepções de linguagem e narrativas com o que concebe como memória, Certeau toma essa última no sentido antigo do termo, que “[...] designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita, por conseguinte, ao passado” (CERTEAU, 2011, p. 302). Ressalta que a memória implica na mediação de um saber que tem por forma a duração de sua aquisição e a coleção de intermináveis conhecimentos particulares, que se fazem de muitos momentos e de muitas situações heterogêneas.

Tomando-se como ponto de partida essa concepção, os conhecimentos da memória não podem ser separados dos tempos de sua aquisição e vão produzindo singularidades ao longo da vida, já que a memória instrui muitos acontecimentos, mas não consegue aprisioná-

los no passado ou no presente, pois antecipa também as vias múltiplas do futuro, combinando as particularidades antecedentes ou possíveis. A memória não tem lugar preciso, “[...] até o instante em que se revela, no ‘momento oportuno’, de maneira ainda temporal embora contrária ao ato de se refugiar na duração. O resplendor dessa memória brilha na *ocasião*” (CERTEAU, 2011, p. 146, grifo do autor).

Nesse contexto, faz-se necessário realçar que a ocasião concentra o máximo de saber no mínimo tempo, pois acumula as experiências passadas e inventaria as experiências possíveis. Para Certeau, a ocasião é aproveitada e não criada, é fornecida pela conjuntura no momento presente, que o invisível tesouro da memória vai possibilitar naquela circunstância. Isso quer dizer que a memória é acionada por circunstâncias exteriores, não existindo uma organização já pronta em que os conhecimentos se encaixariam.

Com essa compreensão, o autor assevera que a mobilização da memória produz bricolagens nas surpresas dos encontros com o outro, sendo que “sua mobilização é indissociável de uma alteração” (CERTEAU, 2011, p. 150) e sua força está justamente em sua capacidade de ser alterada, pois é móvel, sem lugar fixo. Para o autor, a memória se forma nascendo do outro e perdendo-o, pois não se fixa no passado e, sendo assim, “[...] a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (CERTEAU, 2011, p. 151).

Certeau considera a memória uma arte de guerra, pois manipula o espaço. Uma arte da memória desenvolve a aptidão para estar sempre no lugar do outro, mas sem se apossar dele, tirar partido ou se perder. A memória é sentido do outro e, por isso, ela se desenvolve também com a relação.

Em tempo, considerando as lembranças fragmentos particulares e detalhes dos guardados na memória, cada lembrança corresponde a uma sombra do que não se lembrou. A mobilidade da memória se produz como um não lugar, pois os detalhes nunca são o que são, “[...] nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera” (CERTEAU, 2011, p. 152).

Nas concepções de Certeau, linguagem e memória estão relacionadas. Tal sentido atribuído à linguagem não seria apenas de mediação, mecanismo pelo qual se rememora, mas como constitutiva do pensamento, da experiência humana e de importância fundamental na construção da história. Considerando essa imbricação, ou seja, a partir do entrelaçamento desses conceitos, como nos posicionar enquanto pesquisadores? Quais são os possíveis para o

pesquisador no campo da educação e como nos dispomos a desenvolver pesquisas? Essas são questões sobre as quais dialogamos no tópico seguinte.

4 O SABER DAS PRÁTICAS COTIDIANAS E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Mantendo-nos em direção ao intento de caminhar com Certeau em seus percursos epistemológicos, torna-se primordial compreender a principal característica de seu trabalho que, de acordo com Vidal (2011, p. 267), é “[...] a atenção às práticas, tomadas tanto na dimensão de objeto de pesquisa do historiador quanto na de operacionalização de seu fazer [...]”. O pensamento de Certeau coloca-se como combativo ao totalitarismo funcionalista que procura eliminar as autoridades locais, ou seja, procura diminuir os sujeitos praticantes, por considerar suas práticas inválidas do ponto de vista científico. Certeau afirma que as práticas são produto da experiência do homem comum, rompendo com a epistemologia hegemônica no que concerne à produção de conhecimentos, e provocando a emergência de uma epistemologia das práticas. Pondera ainda que, mesmo com a anulação dos sujeitos e das práticas produzidas nos espaços onde habitam, essas práticas não deixam de existir e reinventam formas de resistência.

Nesse ínterim, seu primeiro princípio era estar atento ao que diziam os habitantes da cidade e, por isso, colocava-se junto com eles, o que lhe permitiu realizar muitas entrevistas com as pessoas. Certeau descrevia as narrativas que os caminhantes faziam dos itinerários que percorriam, analisando as formas de ver e de percorrer os caminhos, percebendo a existência de movimentos próprios criados pelos caminhantes. Com isso, procurou esboçar uma teoria das práticas cotidianas e identificar uma lógica no modo de ser das culturas.

Referindo-se a um modo de funcionamento da experiência, Certeau usa a metáfora do trem, em que o vagão representa a razão, ilusão do homem no domínio da ciência moderna sobre as formas de saber. Para o autor, o protagonista dessa viagem é a vidraça e o aço (RODRIGUES, 2009), que estão entre o viajante e as paisagens, representando as experiências produzidas nas relações do sujeito com o mundo. Na década de 1970, o trem representava um ícone do desenvolvimento econômico, da industrialização e do progresso. Em *Naval e Carcerário*⁹, compreendemos que, mesmo no espaço da velocidade e do

⁹ Terceira parte do livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, de Michel de Certeau.

disciplinamento dos corpos, impostos pela reclusão à cabine, uma viagem de trem pode representar a subversão às condições que se tem e, ao mesmo tempo, potencializar a reflexão sobre a justaposição dos momentos de liberdade e de aprisionamento que vivemos, ou seja, reflexão sobre a experiência e as práticas que libertam e que aprisionam.

O viajante de Certeau vê de sua janela o fluir de paisagens que não pode tocar ou agarrar, pois a vidraça impede o contato. Os trilhos lhe permitem atravessar, ir de um lugar ao outro, porém a travessia não oferece ao viajante a sensação de completude. Mesmo assim, tem de ir sempre em frente. Ou seja, a experiência não nos é conclusa, mas se constrói ao longo da viagem/vida. Há sempre o que passa e não nos toca, como há o que nos atravessa e passa a fazer sentido em nossa experiência.

Numa análise problematizadora da supremacia dos conhecimentos científicos considerados válidos, Certeau põe em cena uma oposição entre observadores e caminhantes. Essa oposição metaforiza a divisão instituída nas ciências sociais e tornada absoluta nos anos de 1970, entre saber erudito e saber comum, contrapondo-se a toda forma de hierarquização de saberes. Segundo Certeau, estando afastado do cotidiano, o observador vê de longe e tem um olhar totalizador do objeto e, ao tentar controlá-lo, deixa escapar a possibilidade de conhecê-lo.

Nessa metáfora, o observador seria o pesquisador, que cria a falsa ilusão de controle sobre os outros; aquele que olha do alto, que vê de cima a dinâmica, sem se envolver com os sujeitos praticantes, sem mergulhar nos espaços praticados. Certeau enfatiza que esse saber distanciado não seria capaz de oferecer mais do que algumas pistas fragmentadas do cotidiano, ressaltando que seu trabalho:

consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos (CERTEAU, 2011, p. 97-98, grifos do autor).

De acordo com Certeau, o caminhante ordinário do cotidiano vive experiências que não podem ser capturadas pelo olhar controlador do observador, que também não consegue descrevê-las ou repeti-las. Esse sujeito anônimo, enredado no cotidiano, produtor de uma história que não desperta atenção, também produz saberes, porém “trata-se de um saber não sabido. Há, nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos,

como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmos” (CERTEAU, 2011, p. 134), pois versa sobre um saber do qual os sujeitos ordinários não são proprietários, não refletem sobre ele e, por vezes, não conseguem defini-lo ou reconhecê-lo como uma forma de saber.

Ao problematizar a tentativa do observador em capturar esses saberes, Certeau (2011, p. 134) enfatiza que “tal como dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o possui tampouco”. O autor pontua ainda que o saber-fazer das práticas fica flutuando entre o sujeito ordinário e o intérprete, pois o primeiro não consegue reconhecê-lo enquanto o segundo não o possui.

Reconhecemos que o pesquisador, tal como o intérprete personificado por Certeau, pode assumir um lugar de exterioridade na investigação e, portanto, fazer pesquisa sobre o objeto, ou então colocar-se junto, numa rede de conversação (CARVALHO, 2009), e produzir pesquisa com, a depender do tipo de abordagem. Carvalho propõe pistas sobre a relação teoria e prática e sobre o papel do pesquisador, tomando a pesquisa como uma forma de inserção política do pesquisador no mundo, de modo a pensar nossas pesquisas

[...] como redes de conversações e ações complexas que estabelecemos entre teoria e prática, tecendo diferentes lugares por nós praticados nos cotidianos, não é possível negar que também somos responsáveis pelos conhecimentos que estamos produzindo com nossas investigações, o que nos leva a aceitar, a partir de Certeau, nossa condição de pesquisador praticante (CARVALHO, 2009, p. 33-34).

Sendo assim, a pesquisa, com essa abordagem, se constitui como um processo de captura de indícios dos possíveis (CARVALHO, 2009), procurando produzir pela criação, experimentação e resistência. Nesse processo, é preciso reconhecer que as histórias de vida desse sujeito ordinário são constituídas por trajetórias inéditas e as modificações que suscitam nos espaços onde vive conservam a sutileza de movimentos dinâmicos e multiformes que reinventam maneiras de fazer.

Dessa forma, compreendemos que os conhecimentos praticados pelo sujeito ordinário do cotidiano podem reconstituir práticas emancipatórias nos territórios regulados, evidenciando a validade dos saberes produzidos e possibilitando nossa interlocução com diferentes experiências vividas por outros sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

Neste texto, compartilhamos o diálogo com algumas ideias de Certeau direcionadas especialmente aos conceitos de linguagem, memória e narrativas, buscando destacar as implicações delas para as decisões atinentes às pesquisas no campo da educação. Refletimos sobre a importância das escolhas epistemológicas relacionadas às pesquisas, assinalando nossa busca por vivenciar seus intensos movimentos na perspectiva de que nossas opções metodológicas se embasem em princípios de rigor científico sem, no entanto, se subordinarem aos ditames das ciências naturais e que também sejam pautadas pelo compromisso em narrar práticas comuns dos sujeitos em suas artes de fazer. Sendo assim, a narrativa constitui-se como possibilidade do sujeito legitimar suas ações e apropriar-se da sua história de vida numa tentativa de não se submeter ao poder instituído.

Tomando essas referências de Certeau para pensar a pesquisa em educação, compreendemos que estar aberto ao encontro com o outro, além de uma necessidade ética, possibilita surpresas e a revelação de experiências singulares e originais e, muitas vezes, a desconstrução de certezas prévias. Ademais, o movimento de empatia pressupõe a valorização da fala como um instrumento político em que o fazer-se pesquisador implica não somente a escuta da voz do outro, mas o posicionamento de considerá-la, de dialogar com ela, de valorizar o indizível, pois os silêncios também expressam, enunciam e denunciam.

Portanto, pensar as pesquisas em educação com Certeau significa ousar em fazer parte da ação cotidiana como sujeito praticante, tanto na condição de pesquisador como no lugar de sujeito ordinário, focalizar as práticas e seus deslocamentos, buscar brechas, captar e promover movimentos de resistência e de transformação que muitas vezes passam despercebidos, trazendo-os para a dimensão da consciência. Desse modo, não buscamos apenas enfatizar como Certeau foi e continua a ser importante para pesquisas educacionais, mas, sobretudo, intencionamos mostrar sua contribuição para pensarmos a produção do conhecimento e seus desafios, em especial, aqueles relativos à educação, campo em que nos inserimos como profissionais e no qual nos dispomos a desenvolver nossas pesquisas.

Assentes nessa premissa, pautamo-nos em uma concepção de pesquisa que se distancia da ideia de neutralidade imputada por ideologias instituídas, afirmando uma compreensão de que a pesquisa precisa se sustentar em bases epistemológicas que são definidas principalmente pelo pesquisador. Assim, precisamos nos atentar para o cuidado de não nos

perdermos em processos de individualização e/ou de ilusão de controle, buscando nos manter conectados às distintas redes de relações que nos circundam na ação de pesquisa e assumindo posicionamentos que dialoguem com a opção de fazer pesquisa com e não simplesmente sobre os sujeitos.

Reconhecemos que são inúmeros os desafios que compõem esse percurso. Em meio a esses desafios, ressaltamos a necessidade de compreender o contexto histórico em que ocorrem as pesquisas, de buscar conhecer as concepções, de exercitar a capacidade de análise crítica, de atentar para as questões ideológicas que determinam os rumos das pesquisas, de intentar conhecer os diferentes pensamentos circundantes no meio acadêmico, de lutar para intervir no processo decisório do rumo das pesquisas em vez de somente consumir seus produtos.

Em sua luta demarcamos o lugar de nossas pesquisas, debater sobre as questões que consideramos prioritárias e sobre que opções metodológicas dialogam com nossas concepções, defendendo a pesquisa em sua característica relacional que se materializa no encontro com o outro. Em meio a um contexto de tantas controvérsias, reafirmamos nossa responsabilidade, como pesquisadores em educação, com a produção do conhecimento a partir de nossos estudos e, especialmente, nossa condição de pesquisador praticante.

Em interlocução com os sujeitos ordinários que integram as pesquisas e com diferentes intercessores teóricos, dispomo-nos a caminhar com Certeau na trajetória que constitui nossos distintos percursos como pesquisadoras. Os pressupostos desses percursos permanecem atuais e continuam nos instigando a buscar alternativas para desenvolver pesquisas que se distanciem da lógica de valorização dos saberes hegemônicos e de visões fechadas e homogêneas sobre a hierarquização social e se aproximem de problematizações que movimentem o pensamento em direção aos sujeitos praticantes, produzindo diferenças nos contextos em que são realizadas as pesquisas. Dispostas à continuidade desses diálogos, ressaltamos que as ideias aqui enunciadas permanecem em movimento e nos remetem ao percurso da pesquisa não no sentido de sua conclusividade, mas com expectativas de outras experiências, conversas e indagações.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Michel de Certeau: História, Cotidiano e Linguagem (Parte 1)**: 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2SXmcTMcDnk>>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau**. ArtCultura: Uberlândia, n. 9, jul./dez. de 2004.
- JOSGRILBERG, Fábio Botelho. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de Sentidos na Educação. **Educação: Teoria e Prática**, v. 18, n. 30, p. 95-105, jan./jun. 2008.
- RODRIGUES, Ana Cabral. Cisões, silêncios e alguns ruídos: considerações acerca da subjetividade, cidade e modernidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 237-252, maio/ago. 2009.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 265-292.

Trabalho recebido em: 22/02/2018

Aprovado em: 19/12/2018

Publicado em: 30/06/2019

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO

ASTORI, Fernanda Bindaco da Silva; VIEIRA, Maria Nilceia de Andrade. Caminhando com Michel de Certeau: contribuições epistemológicas para a pesquisa em Educação. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 25, n. 1, p. 10-26, jan./jun. 2019.